

UM ROMANCE HISTÓRICO ESQUECIDO: *A ESTIRPE*, DE CARLA MALIANDI

A FORGOTTEN HISTORICAL NOVEL: A ESTIRPE, BY CARLA MALIANDI

DOSSIÊ: O REALISMO E SUA ATUALIDADE

25 anos de Crítica Dialética na UnB



ORGANIZADORES:

Alexandre Pilati



Deane de Castro e Costa



Martín Ignacio Koval



CERRADOS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM

v. 34, n. 68, ago. 2025

Brasília, DF

ISSN 1982-9701



10.26512/cerrados.v34i68.57814

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submetido em: 06/04/2025

Aceito em: 23/06/2025

DISTRIBUÍDO SOB



Fabiano Ferreira Costa Vale  

SEEDF | fabianocostavale@gmail.com

Resumo / Abstract

Neste ensaio, como o próprio título já sugere, pretende-se analisar de que modo um projeto de romance histórico se prefigura no enredo do livro *A estirpe* (2023), da autora argentina Carla Maliandi (1976). Ana, protagonista do romance, é uma escritora e pesquisadora engajada no projeto de escrever um livro que aborda a história da sua família, vinculada profundamente à Conquista do Deserto ou Campanha do Deserto, uma campanha militar efetuada pelo governo da República Argentina, sob as ordens do general e futuro presidente Julio Argentino Roca (1843-1914), contra os povos Mapuche, Tehuelche e Ranquel, visando obter o domínio territorial do Pampa e da Patagônia oriental, até então sob controle indígena, denominado “Wall Mapu”. No entanto, após sofrer um acidente que lhe retira a memória, Ana precisa retomar a sua vida pessoal e o projeto esquecido. *A estirpe* é um livro singular que combina particularidades de um romance histórico, drama familiar e relato pessoal numa trama que une aleatoriedade, acontecimentos históricos, reveses familiares, angústia e alijamento. O projeto literário do romance transcende as suas páginas, pois tenta dar conta de uma história latino-americana repleta de lapsos, violências e traumas.

Palavras-chave: história, América Latina, romance histórico.

In this essay, as the title itself suggests, the intention is to analyze how a historical novel project is outlined in the plot of the book *A estirpe* (2023), by the Argentine author Carla Maliandi (1976). Ana, the protagonist of the novel, is a writer and researcher engaged in the project of writing a book that addresses the history of her family, deeply connected to the Conquest of the Desert or Desert Campaign, a military campaign carried out by the government of the Argentine Republic under the orders of General and future President Julio Argentino Roca (1843–1914), against the Mapuche, Tehuelche, and Ranquel peoples, aiming to gain territorial control over the Pampa and eastern Patagonia, which until then were under indigenous control, known as “Wall Mapu”. However, after suffering an accident that takes away her memory, Ana must resume her personal life and the forgotten project. *A estirpe* is a unique book that combines the peculiarities of a historical novel, family drama, and personal narrative in a plot that intertwines randomness, historical events, family setbacks, anguish, and estrangement. The literary project of the novel transcends its pages, as it seeks to account for a Latin American history filled with lapses, violence, and trauma.

Keywords: history, Latin America, historical romance.

INTRODUÇÃO

Em 2023, a Editora Moinhos publicou a novela *A estirpe*, da escritora Carla Maliandi (1976). Nascida na Venezuela, atualmente a autora vive em Buenos Aires, Argentina. Também conhecida por seus trabalhos como diretora e dramaturga, Carla Maliandi escreveu para programas de televisão e participou de diversos festivais. Sua primeira obra publicada no Brasil foi *La habitación alemana* (2017), no original, traduzida para o português com título de *O quarto alemão*, em 2020.

O enredo de *A estirpe* gira em torno de um acidente ocorrido em plena festa de aniversário da protagonista. A luta de Ana, escritora e professora universitária, é recuperar a memória de sua vida pessoal e profissional. Nesse processo, a professora procurará retomar o projeto de escrita de um romance sobre um fato histórico. Aqui se apresenta um problema central para a novela e a literatura latino-americana: na atualidade, o romance histórico ainda é possível?

Nessa perspectiva, algumas especificidades e questões pertinentes à natureza desse gênero romanesco serão discutidas no presente texto. Para debatê-las, serão utilizados como fundamento teórico os escritos de György Lukács (1885-1971) e de Fredric Jameson (1934-2024). Lukács, em seu livro intitulado *O romance histórico* (2015), analisa de que modo as convulsões sociais da modernidade influenciaram a gênese, desenvolvimento, ascensão e declínio desse gênero. Para o professor Fredric Jameson, em seu artigo “O romance histórico ainda é possível?” (2007), esse gênero se articula em torno da oposição entre um plano público ou histórico e um plano existencial ou individual representado pelas personagens. Jameson, assim como o fez o filósofo húngaro, também discute a dissolução desse gênero.

De certo modo, este ensaio tem como propósito continuar esse debate acerca dos aspectos determinantes do gênero romance histórico e suas transformações na produção literária contemporânea a partir da novela *A estirpe*, de Carla Maliandi. O modo particular como essa obra trata da relação entre literatura e história já evidencia que o romance histórico está desdobrando-se em outro gênero, a saber: a nova narrativa histórica. O propósito deste ensaio é demonstrar como o problema da referência histórica (Jameson, 2007) é organizado e reelaborado em torno de uma forma narrativa ou romanesca nova.

UM HISTÓRICO DA FORMA

Antes do acidente a senhora estava escrevendo um livro novo. Falava disso o dia inteiro, é verdade que não se lembra? Falava disso o dia inteiro (Maliandi, 2023, p. 20).

O livro de Carla Maliandi, *A estirpe*, ao transformar a escrita de um romance histórico em temática e problema literário, retoma antigas e persistentes questões sobre a natureza e a pertinência do romance histórico na teoria literária: ele seria ainda possível atualmente? Haveria condições históricas hoje que forneçam um pano de fundo ou material composicional para o seu enredo? Como a referência histórica seria conformada na feitura da obra? Há quem tente escrevê-lo? Quais foram as mudanças formais sofridas pelo gênero? Há mercado e público leitor para esse tipo de romance?

Talvez essas perguntas exijam um certo nível de elaboração técnica acerca da teoria dos gêneros literários que excederia os limites deste texto. No entanto, farei um breve comentário a respeito do que György Lukács (1885-1971) e Frederic Jameson (1934-2024) apontam sobre o romance histórico e suas transformações. Em seguida, faço uma análise da obra, procurando perceber em sua estrutura os limites do romance histórico e suas mudanças na literatura contemporânea.

Lukács, em seu livro *O romance histórico* (2011), explica-nos a diferença entre a forma clássica desse gênero e a atual. Para ele, a origem, o auge e o declínio do romance histórico têm relação profunda com as “grandes convulsões sociais dos tempos modernos” (Lukács, 2011, p. 31). Segundo o autor húngaro, os problemas formais desse tipo de romance seriam reflexos dessas grandes agitações de ordem histórica e social. Alguns desses problemas envolvem a adequada figuração do presente histórico, o condicionamento histórico da existência das personagens, a representação da grandeza humana por meio de seus exemplos mais significativos e a retratação do fim trágico de uma coletividade (comunidade gentílica).

Para Lukács, a forma clássica do romance histórico passou por transformações estilísticas devido à crise do realismo burguês e a uma mudança na concepção de história. *Salambô*, de Gustave

Flaubert (1821-1880), seria a mais significativa, segundo o crítico, pois “todas as tendências do declínio do romance histórico se mostram concentradas: monumentalização decorativa, privação de alma, desumanização da história e, ao mesmo tempo, sua privatização” (Lukács, 2011, p. 244).

Na parte final do seu livro, Lukács faz uma observação sobre as produções mais significativas do novo romance histórico, que interessa à minha análise aqui. De acordo com o filósofo, esses romances tenderiam a uma aproximação do gênero biografia. Na verdade, para Lukács, a biografia seria uma forma específica do romance histórico moderno. Se retornarmos ao debate do livro de Carla Maliandi, veremos que o romance que está sendo escrito por Ana remete às origens de sua família. Portanto, a carga biográfica e genealógica está bastante evidente. Cabe uma pergunta neste momento: por que a forma biográfica reaparece no romance histórico da atualidade mais uma vez como tendência?

Em seu ensaio “O romance histórico ainda é possível?” (2007), Fredric Jameson dialoga com o livro de György Lukács. O título provocativo de Jameson parte de uma observação feita pelo crítico húngaro de que, após a revolução de 1848 e a de 1917, a forma literária do *romance histórico* entra em declínio e desintegração. Esses materiais históricos, que surgem num determinado momento, são organizados e urdidos em torno da forma romanesca, ou seja, os eventos históricos paradigmáticos devem estar no centro de um romance histórico. De acordo com Jameson, “a forma narrativa desse evento primordial ou axial que deve estar presente, ou ser recriada, no romance histórico para que ele se torne histórico no sentido genérico” (Jameson, 2007, p. 191). Para o crítico literário norte-americano, o romance histórico pode renascer no pós-modernismo, “mas mediante uma reestruturação inteiramente nova e com uma abordagem nova e original do problema da referência histórica” (Jameson, 2007, p. 187).

Para Jameson, o que é notório na produção literária atual desse gênero romanesco é a predileção por imagens e histórias do passado em um momento no qual o sentido da história sofreu uma grande atrofia. Nesse sentido, a verdade histórica é abordada nesses romances históricos não mais por meio da verossimilhança, mas pela via do poder imaginativo do ficcional ou do fantástico.

Com base nessas discussões brevemente apresentadas, é possível perceber que o romance histórico, na condição de gênero literário, permanece ainda como um tema relevante para o debate teórico-crítico e prático dentro da produção literária, uma vez que romances históricos continuam sendo escritos. Ao mobilizar autores como Lukács e Jameson, percebe-se que o romance histórico não é apenas um reflexo de seu tempo, mas também um espaço de experimentação formal que desafia as fronteiras tradicionais do gênero em questão, incorporando elementos biográficos e ficcionais. No caso da obra de Carla Maliandi, como notaremos a seguir, observar-se-á uma renovação das estratégias narrativas, em que os limites do romance histórico na contemporaneidade serão questionados e ampliados. Assim, o gênero, embora transformado, continua a provocar reflexões críticas e artísticas sobre o papel da história e da memória na literatura e na sociedade.

O ROMANCE HISTÓRICO ENTRE LINHAS

Não sei como cheguei até aqui, não lembro de nada nem de ninguém. Mas de repente me lembro de uma coisa: a mosca de Rocha. Há uma mosca nas praias de Rocha que quando pica enfia uma larva dentro da gente, num braço ou numa perna, ou em qualquer parte que esteja descoberta. Dói e infecciona. Para curar-se, é preciso esperar que o verme nasça e então pressionar um pedaço de carne crua contra o braço ou o lugar do corpo que foi picado. O verme faminto deve despontar por entre a pele humana para morder a carne. E assim, puxando com cuidado, a gente consegue retirá-lo do corpo (Maliandi, 2023, pp. 9-10).

Essa é a primeira lembrança que a protagonista tem no hospital em que foi internada logo após sofrer um acidente em sua festa de aniversário de 40 anos, na qual uma bola espectral (globo) despenca do teto e a atinge na cabeça em pleno baile. O trauma foi tão severo que ela mal conseguia pronunciar uma frase inteira e com sentido. Gradualmente, Ana vai recuperando a memória e as capacidades de comunicação e locomoção. Recordar-se que tem um marido, filho e apartamento na rua Bonifácio. No entanto, uma série de questões permanecem em aberto, levando-a a confusões, mas que, conforme os dias passam, as respostas se organi-

zam em torno de sonhos e de imagens fragmentadas que acabam por revelar a vida e a obra em potência e ato da narradora.

A estrutura do livro, composto por três partes, nesse sentido, é fundamental para a reconstituição desse *eu* que se quebrou e dessa obra que se perdeu, por assim dizer. Na primeira parte, 19 curtíssimos capítulos revelam quem era a mulher que saíra do hospital depois do acidente: esposa de um homem chamado Alberto, marido bastante preocupado com a recuperação de sua esposa; dona de casa que conta com a ajuda inestimável de Mônica, sua empregada; mãe de uma criança chamada apenas de “menino” (o nome do garoto não é revelado ao longo e término da história); professora universitária e autora de um livro, mas que encontra dificuldades em ler e pronunciar simples palavras do cotidiano. Na segunda parte, vemos Ana se inteirando, por meio de relíquias familiares, documentos e diários de bordo, do que fazia antes do acidente, principalmente da redação de um livro relacionado ao passado de sua família e a um conflito bélico já esquecido. Já na terceira e última parte, constituída por apenas um único capítulo, sugestivamente intitulado “Umas orações”, tem-se a superposição de pensamentos da protagonista, na qual as imagens do enredo do livro se confundem com as próprias lembranças de sua autora.

O livro de Maliandi constrói, nessa perspectiva, uma narrativa metaficcional que transcende a recuperação individual da memória para confrontar os silêncios e as feridas da história latino-americana. A jornada de Ana, fragmentada entre sonhos, documentos e vestígios do passado, simboliza o processo coletivo de rememoração de um continente marcado por violências, apagamentos e identidades dilaceradas. A estrutura tripartite do romance — que evolui da desintegração identitária para a sobreposição caótica de pensamentos e discursos — reflete a complexidade de reconstruir narrativas em sociedades pós-traumáticas. O acidente com o globo espelhado, além de metáfora do súbito rompimento com a realidade, ecoa a fratura colonial que ainda projeta suas sombras sobre o presente. Ao entrelaçar a história íntima da protagonista com conflitos bélicos esquecidos e extermínios étnicos perpetrados, Maliandi não apenas resgata a potência política da literatura como ato de resistência, mas também questiona: qual o preço do esquecimento? A resposta parece residir na própria tessitura do texto, onde a memória, ainda que dolorosa como a larva da mosca de Rocha, exige ser extraída, confrontada e reescrita — não como cura, mas como condição indispensável para existir em um mundo que insiste em apagar suas cicatrizes.

Nesse sentido, o livro é um remexer da dolorosa ferida na memória histórica da América Latina, notadamente marcada pelo extermínio de povos e pela eliminação de grupos étnicos e sociais, que deixaram traumas na realidade e na literatura. Essa é a referência histórica problematizada no romance histórico contemporâneo. Sua conformação artístico-literária força, por sua vez, a reestruturação do gênero romance histórico sob uma nova e original abordagem, conforme o crítico norte-americano Fredric Jameson. No caso de *A estirpe*, como será demonstrado a seguir, a inovação consiste na transformação do ato de escrita de um romance histórico em personagem.

EM BUSCA DA FORMA APAGADA

É algo com um tema histórico... bem, você ainda não estava conseguindo encontrar a forma de contar a história. Ia começar em fins do século XIX, na campanha do Chaco. A história vem de sua família, você a conhece pelo seu pai... (Maliandi, 2023, p. 17).

O fragmento acima aparece no quarto capítulo, “As coisas que me importam”, da primeira parte, em que Ana questiona Alberto, como o próprio título nos diz, a respeito das coisas que mais lhe são importantes. Após terem retornado de um exame de tomografia, Alberto revela-lhe as coisas esquecidas devido ao acidente: a família, o menino, a profissão, as aulas, os alunos, o livro a ser redigido etc. Diz que a esposa vai se conectar a tudo isso novamente.

É nesse momento que Ana, por meio de Mônica, quer saber que tipo de livro estava escrevendo. Alberto lhe informa que ela procurava reconstituir a história de um tataravô que era regente da banda do exército na campanha do Chaco, também conhecida como “Campanha do Deserto”. Roca, na época, ordenou que as suas tropas destruíssem os assentamentos indígenas da etnia guaicuru naquela região. À medida que os soldados iam disparan-

do e incendiando as cabanas, a banda musical do tataravô de Ana tocava marchas militares para animar os ânimos do regimento.

Alberto disse também que sua esposa ficou impressionada com o fato de ser esse tipo de música uma arma de guerra, e que o tataravô dela havia encontrado e levado uma menininha da etnia toba. Essa criança serviu como empregada da família por toda a sua vida. Para a família da autora, o seu tataravô era um orgulho, uma espécie de herói. Alberto termina o diálogo falando para sua mulher que era sobre toda essa história que ela estava tentando escrever, mas não conseguia encontrar a forma adequada de fazê-lo.

Você ficava impressionada ao pensar que essa música era uma arma de guerra. Numa dessas investidas, seu tataravô encontrou uma menina chorando. Uma menininha toba, ali, assustada, entre a fumaça e todos aqueles corpos espalhados. Em pleno galope, puxou a menina para cima do cavalo, escondeu-a debaixo da capa e a trouxe para viver em sua casa com sua família. Eles a batizaram de María. O nome original não se sabe. Chamavam-na de a china Maria, e ela foi empregada do velho, de seus filhos e de seus netos pelo resto de seus dias. Para a sua família, seu tataravô é um orgulho, uma espécie de prócer. Era sobre essa história que você estava tentando escrever. Você ainda não tinha encontrado a forma de contá-la, dava voltas e mais voltas. Agora só o que importa é nos concentrarmos em sua recuperação (Maliandi, 2023, p. 18).

Em seu artigo “Minha vó foi pega a laço”, Daniel Munduruku comenta uma história muito semelhante. Segundo o escritor, várias pessoas procuram-no para lhe dizer que possui uma avó que foi pega a laço, ou seja, sequestrada por um homem branco. Tantas foram as vezes nas quais isso ocorreu, que ele até já se acostumou. No entanto, o autor não deixa de pensar no assunto, em mulheres que foram escravizadas e usadas por toda vida. Para ele, esse orgulho consiste numa forma poética para esconder a dor de uma nação originada a partir da violência. Sem a consciência desse fato, não há conciliação possível com o passado.

O Brasil foi “inventado” a partir das dores de suas mulheres e é importante não esquecermos esta história para podermos olhar de frente para nosso passado e aprendermos com ele. O Brasil precisa se reconciliar com sua história; aceitar que foi “construído” sobre um cemitério. Apenas dessa forma saberemos lidar com criatividade sobre a verdadeira história de como “minha avó foi pega a laço” (Munduruku, 2017).

Assim como o Brasil, a Argentina, em particular, e a América Latina como um todo precisam se reconciliar com suas respectivas histórias, aceitar que foram igualmente construídas sobre cemitérios. A complexidade histórica, cultural e emocional abordada no romance de Carla Maliandi expõe os desafios de lidar com legados familiares que refletem dilemas éticos e sociais profundos. Ao resgatar a história do tataravô como regente da banda militar durante um momento de violência histórica contra populações indígenas, a obra confronta o leitor com a dualidade entre o orgulho familiar e as implicações morais das ações do passado. Assim, o texto destaca não apenas a importância da memória e da identidade, mas também a dificuldade de encontrar uma forma adequada de contar histórias que trazem à tona injustiças e tensões latentes. A busca pela forma narrativa revela um esforço literário contínuo de reconciliação entre o pessoal e o histórico, entre o íntimo e o coletivo, apontando para a complexidade de abordar temas sensíveis com autenticidade e profundidade.

A NOVA NARRATIVA HISTÓRICA

Como se observou na breve análise de *A estirpe*, essa obra combinou particularmente os materiais históricos que surgiram em um determinado momento da história da Argentina, e que bem pode ser ampliado para a história da América Latina como um todo, uma vez que o processo de colonização (e seus herdeiros) articulou brutalmente expansão territorial e eliminação de povos originários.

Ao interseccionar a existência individual da protagonista com o acontecimento histórico conhecido como Campanha do Deserto, o livro de Carla Maliandi aborda de maneira original e nova o problema da referência histórica, principalmente porque, como vimos com os apontamentos de Lukács e Jameson, a forma clássica de romance histórico entra em declínio e desintegração no final do século XIX e início do século XX.

A particularidade artística notada em *A estirpe* é a transformação do processo de escrita de um romance histórico em personagem. É a já conhecida técnica literária da história de um livro em potência no enredo do próprio livro em ato, pensando aqui em termos aristotélicos. Nesse sentido, a recuperação após o acidente sofrido pela narradora-personagem, em que lembranças pessoais e profissionais emergem com fragmentos da trama de um romance histórico, é a conformação artístico-literária do problema da referência histórica, que, no caso aqui analisado, trata-se do evento paradigmático da Campanha do Deserto. Essa é a ferida ainda aberta na história da Argentina; o verme faminto da mosca de Rocha que desponta por entre a pele coletiva para morder a carne da consciência.

A busca pela forma, o problema da escrita de um romance histórico, é a representação literária desse desajuste com a história, com o trauma, manifesto na ausência dos nomes do tataravô e do filho da protagonista. Se o passado não pode ser identificado adequadamente, o futuro torna-se uma incógnita pela crise do presente. E o acerto de contas com o passado só acontecerá quando aquilo que foi tomado como despojo de guerra seja devolvido, simbolicamente, a quem é de direito. Sem esse reconhecimento não há denúncia das atrocidades do passado e tão pouco futuro a ser denominado.

REFERÊNCIAS

JAMESON, Fredric. O romance histórico ainda é possível? **Novos Estudos CEBRAP**, (77), 185–203, 2007.

LUKÁCS, György. **O romance histórico**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015. (Edição Kindle)

MALIANDI, Carla. **A estirpe**. Traduzido por Sérgio Karam. São Paulo: Moinho, 2023.

MUNDURUKU, Daniel. **Minha vó foi pega a laço**. Disponível em: <<https://danielmunduruku.blogspot.com/2017/11/minha-vo-foi-peg-a-laco.html>>. Acesso em: 31 mar. 2025.

TEIXEIRA, Aline. Editora Moinhos. **A estirpe**. 2023. Disponível em: <<https://editoramoinhos.com.br/loja/a-estirpe/>>. Acesso em: 28 fev. 2024.